

Ruptura, continuidade e potencialização no ciberjornalismo: revisitando um texto fundamental de Marcos Palacios

Marcelo Träsel¹

Resumo: O artigo discute o texto “Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória”, do pesquisador Marcos Palacios (2003). A partir da proposta original daquele texto e com mais uma década de distanciamento, apresentam-se argumentos em favor da identificação de mais duas rupturas entre o jornalismo em impressos, rádio ou televisão e o ciberjornalismo, além da disponibilidade de espaço ilimitado de armazenamento de informação então observada por Palacios: a interatividade e a ubiquidade. Além disso, o artigo propõe uma revisão das características do ciberjornalismo propostas naquele texto e uma discussão de suas definições a partir do avanço nas tecnologias de comunicação em redes digitais e nas práticas jornalísticas.

Palavras-chave: Ciberjornalismo. Jornalismo digital. Jornalismo on-line. G-JOL.

O artigo “Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória”, publicado em 2003 pelo pesquisador Marcos Palacios (MACHADO e PALACIOS, 2003), um dos fundadores do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (G-JOL)² da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pode ser considerado um dos textos mais influentes sobre o tema, em língua portuguesa, durante a primeira década do atual milênio. Conforme dados do Google Acadêmico³, o artigo obteve 252 citações desde então -- a título de comparação, segundo a mesma ferramenta, Machado (2003) conta com 239 citações, Canavilhas (2003), com 201, e Deuze e Bardoel (2001), com 417⁴. Desde 1999, Palacios orientou 19 teses de doutorado e 37 dissertações de mestrado na UFBA⁵. Em 2008, recebeu o

¹ Jornalista, doutor em Comunicação Social (PUCRS), professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital (JorDi/CNPq). Coordenador da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais. E-mail: marcelo.trasel@ufrgs.br. Website: www.trasel.com.br.

² <http://gjol.net>.

³ Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=15203145120052476361&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso: 13/9/2017.

⁴ Não se trata aqui de realizar uma pesquisa bibliométrica, mas de posicionar o objeto de análise no contexto dos estudos de jornalismo lusófonos. Daí a opção pelo uso de dados anedóticos neste trecho.

⁵ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0321221958931370>. Acesso: 13/9/2017.

Prêmio Adelmo Genro Filho, na categoria pesquisador sênior, concedido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)⁶. Pode-se argumentar, portanto, que Palacios é um dos mais influentes pensadores do ciberjornalismo em língua portuguesa e que o artigo em questão é um de seus trabalhos mais relevantes.

Aqui se propõe um resgate desse texto fundamental para os estudos em ciberjornalismo, buscando identificar aquelas ideias que permanecem atuais e atualizar aquelas defasadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias ou novas práticas de comunicação no período. Acima de tudo, este artigo se pretende uma homenagem ao pesquisador Marcos Palacios, cujo trabalho influenciou e segue influenciando seu autor, não uma crítica – que ademais seria, com a vantagem de uma distância de 15 anos desde a proposição original das ideias pelo pensador, injusta. Conta-se com a compreensão do leitor nos momentos em que a redação derivar para um caráter ensaístico.

RELENDO PALACIOS

“Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória” se propõe a “compreender os modos de articulação e transformação das características dos múltiplos suportes existentes, dentre os quais o online, confrontando-os com as práticas que efetivamente têm lugar no cenário da produção jornalística contemporânea” (PALACIOS, 2003, p.15), tomando como objeto de análise principal a memória, seus usos e implicações para o ciberjornalismo. Ao final, propõe uma discussão sobre até que ponto a memória e outras características salientes do ciberjornalismo (hipertextualidade, multimídia/convergência, customização/personalização, instantaneidade/atualização contínua, interatividade) se apresentam como rupturas ou continuidades em relação aos formatos e suportes anteriores, de modo a contrabalançar os discursos simplistas ou festivos a respeito da superação de modelos antigos pelas tecnologias de comunicação em redes digitais todos-todos.

Palacios não realiza uma discussão aprofundada dos conceitos de ruptura, continuidade ou potencialização em seu texto. Sua compreensão a respeito está resumida no trecho abaixo:

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e

⁶ Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/premio-agf/>. Acesso: 13/9/2017.

complementação) no espaço mediático, as características do Jornalismo na Web aparecem, majoritariamente, como Continuidades e Potencializações e não, necessariamente, como Rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. Com efeito, é possível argumentar-se que as características elencadas anteriormente como constituintes do Jornalismo na Web podem, de uma forma ou de outra, ser encontradas em suportes jornalísticos anteriores, como o impresso, o rádio, a TV, o CD-Rom. (PALACIOS, 2003, p.22)

A compreensão do processo de desenvolvimento do ciberjornalismo não como superação, mas como incremental e complementar ao jornalismo impresso, radiojornalismo e telejornalismo é embasada principalmente em Wolton (2012), para quem a principal diferença entre os suportes tradicionais e o jornalismo em redes digitais seria a oposição entre uma lógica de oferta, típica da radiodifusão, e uma lógica da demanda, típica da Internet. Por outro lado, na mesma seção, Palacios critica a previsão de Lévy (1999) de que a comunicação todos-todos poderia levar a necessidade de mediação da informação a se tornar obsoleta no futuro e, com ela, os jornalistas. Noutras palavras, nem os suportes, nem as funções sociais tradicionais do jornalismo seriam superados no ciberespaço.

As noções de ruptura e continuidade são de uso comum em ciências como História, Filosofia e Sociologia, esta última a área de formação original de Palacios. Assim, se pode supor que, ao usar estes conceitos, o autor estaria se referindo a pensadores como Bachelard (1996) e sua abordagem psicanalítica sobre a epistemologia, que influenciou Althusser e Pêcheux, por exemplo (KARCZMARCZYK, 2013); ou a Foucault, para quem:

Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar toda as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. (FOUCAULT, 2008, p.6)

Palacios pretendia com seu artigo, aparentemente, alertar aos colegas e alunos sobre este risco de se deixar fascinar pelas rupturas e ignorar as continuidades entre o ciberjornalismo e seus precursores no rádio, TV, jornal e revista.

A seguir, o texto em questão oferece alguns exemplos de continuidades, rupturas e potencializações. A multimídia, por exemplo, seria uma continuidade e potencialização da combinação entre imagem, som e texto já presente nos telejornais. A melhor descrição de uma continuidade potencializada, porém, se encontra num texto posterior, o qual discute a relação entre ficção hipertextual e ciberjornalismo:

O que é uma chamada de primeira página senão um processo de linkagem para um texto localizado em outro(s) arquivo(s)? O leitor do jornal impresso já estava acostumado a ler hipertextualmente muito antes da existência do hipertexto. Ninguém lê um jornal como se lê um romance, da primeira à última linha. Embutida na própria lógica do jornal enquanto dispositivo há uma hipertextualidade pré-digital. O jornal impresso não é concebido e construído para ser lido linha por linha, da primeira à última página. Igualmente e coerentemente, a forma de consumo do produto jornalístico revela um comportamento hipertextual por parte do leitor, que pula das manchetes e chamadas da primeira página para a seção em que tem maior interesse, vai, volta, lê em diagonal, fica apenas no nível do lead de uma notícia, lê outra até o fim, olha uma foto e passa os olhos por uma legenda, descarta todo um suplemento pelo qual não se interessa, reserva para leitura posterior ou “arquivamento” uma página com um texto mais longo etc.. Em alguns casos, um jornal totalmente desconjuntado e espalhado pelo chão é uma evidência palpável de tais comportamentos “hipertextuais” de leitura. (PALACIOS, 2005, p.11)

Quanto às rupturas, o pesquisador vê como a principal a dissolução das restrições espaço-temporais para a circulação de material noticioso (PALACIOS, 2003, p.23-24). Ao contrário de suportes concretos como o papel, no qual os custos de produção aumentam em relação direta com a ampliação do conteúdo e é necessário permanecer dentro dos limites da manuseabilidade ou conveniência -- um jornal com o mesmo volume de papel de uma enciclopédia tornaria a impressão e distribuição inviáveis num ciclo de 24 horas --, no ciberespaço é possível acomodar uma quantidade virtualmente infinita de palavras, sons e imagens.

Uma segunda ruptura seria a produção de “novos efeitos” no ciberjornalismo através da combinação entre diferentes características potencializadas pelas tecnologias digitais e redes de computadores. O exemplo usado pelo professor para ilustrar estes novos efeitos é a característica por ele denominada Memória: “Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa” (PALACIOS, 2003, p.25). Por um lado, jornalistas podem publicar no ciberespaço todo o material produzido pela redação e agências de notícias a cada jornada, bem como usar os recursos hipertextuais para reaproveitar material publicado anteriormente -- inclusive material publicado originalmente noutros suportes, que pode ser digitalizado e armazenado. Por outro, toda a Web se torna um arquivo ao qual é possível recorrer, vinculando às próprias notícias conteúdo produzido por outros indivíduos e organizações.

É inevitável concluir-se que na Web, a conjugação de Memória com Instantaneidade, Hipertextualidade e Interatividade, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam de tal forma a Memória que é legítimo afirmar-se que temos nessa combinação de características e circunstâncias uma Ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores. (PALACIOS, 2003, p.28)

Na última seção, o artigo de Palacios apresenta dados de uma pesquisa realizada pelo G-JOL, a respeito do uso de arquivos on-line por parte de ciberjornais brasileiros e portugueses, concluindo que, embora a maioria ofereça este tipo de recurso, na época ainda se estava distante da aplicação de todo potencial da Memória nos veículos observados.

AS CARACTERÍSTICAS DO CIBERJORNALISMO

Seria possível argumentar que “Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória” apresenta dois elementos de interesse principal ao leitor: o alerta quanto à necessidade de enxergar as continuidades entre o “jornalismo on-line” e os formatos tradicionais, sem recair no futurismo acrítico, e a descrição das seis características do ciberjornalismo propostas por Palacios. Essa lista, em especial, se mostrou canônica na década seguinte⁷, enquanto o alerta, lamentavelmente, não foi levado em conta por todos os seus leitores.

Partindo das quatro características propostas por Bardoel e Deuze (2001) – Interatividade, Customização de Conteúdo, Hipertextualidade e Multimídia –, Palacios adiciona a Memória e a Instantaneidade/Atualização Contínua. Abaixo, parafraseadas, estão as descrições oferecidas pelo autor:

- a) Multimídia/Convergência: Refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico.
- b) Interatividade: A notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se mais diretamente parte do processo jornalístico pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas, através da disponibilização da opinião dos leitores, fóruns de discussões, chats, entre outros; há também a interatividade constitutiva do próprio hipertexto.
- c) Hipertextualidade: Possibilita a interconexão de textos através de links.

⁷ Ver, por exemplo, Canavilhas (2014).

- d) Customização do Conteúdo/Personalização: Consiste na opção oferecida ao Usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais.
- e) Memória: Acumulação de informações diretamente disponível ao Usuário e ao Produtor da notícia.
- f) Instantaneidade/Atualização Contínua: Extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web, possibilitando o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse.

Com alguns ajustes na nomenclatura, esta lista se manteve a mesma até pelo menos 2014, quando foi publicado o livro *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*, organizado por João Canavilhas e no qual o capítulo dedicado à memória é escrito pelo próprio Palacios. Nesta obra, as características são denominadas: hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade e personalização. Surge uma sétima característica, a ubiquidade, um efeito da vulgarização dos *smartphones* e do acesso à Internet via redes de telefonia e pontos de acesso Wi-Fi disseminados em locais públicos como universidades, restaurantes e transporte coletivo, nos anos seguintes à publicação do artigo de Palacios (2003).

Conforme Silva (2015, p.22), a ubiquidade se configura a partir da articulação entre tecnologias como *smartphones* e *tablets*, resultado de avanços na miniaturização e capacidade de processadores; a extensão da cobertura da telefonia móvel ou conexão sem fio à Internet a recônditos cada vez mais ermos da superfície terrestre; a oferta de serviços de sincronização de arquivos entre diferentes dispositivos; e a criação de software específicos para produção e consumo de informação no formato de aplicativos (*apps*).

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet. (PAVLIK, 2014, p.160)

Neste contexto, se torna factível contar com a possibilidade de que haja alguém registrando eventos em qualquer parte do mundo a qualquer tempo. Por outro lado, os jornalistas devem levar em conta a necessidade de oferecer informação sobre qualquer parte do

mundo em tempo real, uma vez que o consumidor não mais acessa as notícias somente a partir de sua casa ou escritório.

O termo convergência, desde a publicação do artigo original, passou a ser adotado para se referir mais a mudanças de ordem organizacional, cultural e econômica pelas quais vem passando a mídia enquanto indústria (JENKINS, 2008) e menos a produtos, formatos ou linguagens específicas relacionadas ao ciberjornalismo. Assim, estudos recentes parecem dar preferência a usar apenas multimídia. Da mesma forma, o termo customização vem sendo abandonado em prol de personalização, em especial porque a diferença entre ambos é de difícil demarcação. Em sua tipologia, por exemplo, Thurman (2011) considera a customização, que exige a participação ativa do leitor, apenas uma das formas possíveis de personalização nos ciberjornais contemporâneos, que oferecem também recursos automatizados de personalização. Finalmente, a instantaneidade perdeu sua contraparte atualização contínua, talvez porque a adoção de redes sociais como Twitter e Facebook para o desempenho do jornalismo tenham tornado a instantaneidade mais saliente do que a possibilidade de atualização contínua do conteúdo e ambos os termos sejam sinônimos -- mesmo Palacios (2003, p.20) não os diferencia em seu texto fundamental.

Aproveitando a oportunidade desta releitura, gostaria de apresentar a nomenclatura que venho usando desde cerca de 2014, em sala de aula:

- a) Hipertextualidade
- b) Multimídia
- c) Instantaneidade
- d) Adaptabilidade
- e) Perenidade
- f) Interatividade
- g) Ubiquidade

Além da vantagem estética de todos os nomes manterem a mesma declinação e serem formados por apenas um termo, conferindo homogeneidade ao conjunto⁸, há razões conceituais para a adoção de adaptabilidade em lugar de personalização e perenidade no lugar de memória.

⁸ E apaziguando os portadores de Transtorno-Obsessivo Compulsivo!

Em sua proposta de tipologia, Thurman (2011) faz uma divisão entre personalização explícita e implícita. A primeira se refere aos recursos que exigem decisões do leitor, tais como cadastro em boletins por email ou customizações como aumento do tamanho da fonte, mudança na cor de fundo e rearranjo de blocos de conteúdo na página inicial. A segunda se refere às respostas automáticas do CMS ao comportamento do leitor, como apresentação de temas preferidos na parte superior da página ou a oferta de diferentes listas de notícias conforme a localização.

Porém, algumas das respostas tornadas possíveis pelos CMS atuais são de ordem coletiva, não pessoal, como as listas de notícias mais lidas, mais comentadas ou mais compartilhadas, as quais são mero subproduto de decisões de diversos leitores, que, além disso, podem não ter consciência do processo ou mesmo se verem contrariados pelos resultados. Da mesma forma, o design responsivo (ZEMEL, 2012) adotado por cada vez mais ciberjornais não depende de decisões do leitor ou, em boa parte, do produtor do conteúdo, mas das particularidades de cada dispositivo, navegador Web ou sistema operacional.

Assim, adaptabilidade parece um termo mais adequado do que personalização para dar conta dos recursos efetivamente aplicados e das possibilidades abertas aos ciberjornais pelas técnicas e tecnologias mais recentes.

O conceito de memória sofre de desvantagens opostas ao de personalização: abarca práticas sociais e aspectos externos ao ciberjornalismo em si. A memória é o prisma a partir do qual Palacios vem desenvolvendo sua carreira como pesquisador, então é natural que enxergue a capacidade ampliada de registro e arquivamento da Internet deste ângulo. Todavia, a formação de memória parece ser um efeito do jornalismo em geral, não uma característica da produção e circulação de material noticioso nas redes digitais:

...o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento da rádio, da televisão e da Web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7... (PALACIOS, 2014, p.91)

Se o noticiário é, em si mesmo, a memória incorporada num suporte, seja qual for, então ela não pode ser uma característica definidora do ciberjornalismo, nem mesmo do jornalismo de maneira geral.

A característica diferencial do ciberjornalismo em relação a outros tipos de jornalismo, corretamente identificada por Palacios, é a possibilidade de armazenar indefinidamente toda a informação produzida e a tornar acessível imediatamente, a partir de qualquer dispositivo conectado à Internet. Se o jornal de ontem servia para embrulhar peixe e suas notícias, com o tempo, só podiam ser encontradas em arquivos institucionais, hoje toda informação publicada na Internet pode ser considerada, até mesmo contra a vontade de seu autor, perene. Portanto, perenidade parece ser um termo adequado para remeter à disponibilidade cumulativa de material noticioso ou informação de interesse jornalístico no ciberespaço desprovido de limites espaço-temporais.

REVENDO AS RUPTURAS, CONTINUIDADES E POTENCIALIZAÇÕES

Em seu artigo, Palacios (2003, p.24) identifica como principal ruptura do ciberjornalismo a ausência de limites de espaço, avaliação que permanece verdadeira não só para a produção de notícias, mas para todo tipo de manifestação humana em texto, imagem ou som. Estima-se que em 2015 a quantidade de informação armazenada na Internet tenha chegado a 1 zettabyte, o equivalente a 36 mil anos de vídeo em alta definição⁹. O custo de se publicar uma notícia a mais num portal jornalístico e a manter disponível é uma fração microscópica de um centavo e tende sempre para o zero. Esta ruptura se mostrou tão larga que forçou até mesmo a revisão de teorias clássicas do jornalismo, como a do *gatekeeper* (BRUNS, 2005).

Com a vantagem de 15 anos, seria possível argumentar em favor de uma segunda ruptura, que não foi discutida por Palacios (2003): a arquitetura horizontal, todos-todos da Internet, que permite interação bidirecional entre a mídia e seu público através do mesmo suporte, não tem precedentes na história do jornalismo. Conforme Anderson, Bell e Shirky (2013), a comunicação em redes digitais eliminou o monopólio da mídia sobre a mediação e vem causando profundas mudanças na economia, rotinas produtivas e circulação das notícias, afetando os profissionais, as instituições e o contexto social no qual se dá o jornalismo.

Finalmente, diversas características do ciberjornalismo parecem ser potencializadas pela ubiquidade. As possibilidades de interação se multiplicam quando os cidadãos podem acessar e reagir às notícias via redes sociais a qualquer momento do dia, em qualquer lugar;

⁹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/blog/2011/jun/29/zettabyte-data-internet-cisco>. Acesso: 16/9/2017.

smartphones conectados às redes 3G e 4G permitem a repórteres enviar fotos e vídeos em alta qualidade em tempo real para as redações, potencializando a multimídia e a instantaneidade; a geolocalização permite aos oferecer ao público informação contextual a partir de arquivos, fomentando a personalização e fazendo bom uso da perenidade. Análises futuras podem mostrar que essas potencializações se acentuaram a ponto de revelar, na ubiquidade, mais uma ruptura.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, n.5, abr./jun. 2013.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**: collaborative online news production. Nova York: Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: FIDALGO, A.; SERRA, P. (Orgs.). **Informação e comunicação online**: jornalismo online. Covilhã: UBI, 2003.

_____. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

DEUZE, Mark; BARDOEL, Jo. Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism. **Australian Journalism Review**, v.23, n.2, 2001, p.91-103.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

KARCZMARCZYK, Pedro. La ruptura epistemológica de Bachelard a Balibar y Pêcheux. **Estudios de epistemología**, n.10, p.9-33, 2013.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2003. URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acesso: 13/9/2017.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2003.

_____. Natura non facit saltum: promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficção. **E-Compós**, v.2, 2005.

_____. Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, J. (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

PAVLIK, John. Ubiquidade: o 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, J. (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

SILVA, Fernando F. da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

THURMAN, Neil. Making “The Daily Me”: Technology, economics and habit in the mainstream assimilation of personalized news. **Journalism**, v.12, n.4, p.395-415, 2011.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ZEMEL, Tércio. **Web Design Responsivo**. São Paulo: Casa do Código, 2012.